

Chuvas trazem problemas

Lixo acumulado, lama e goteiras fazem parte do dia-a-dia da vila

FERNANDA SCAVACINI

Há alguns dias, a chuva é uma companhia freqüente dos brasilienses. E, segundo o Instituto de Meteorologia, deve continuar nas próximos semanas. Com tanta água caindo do céu, o número de acidentes de trânsito aumenta. Além dos feridos e mortos nas estradas, uma das maiores tragédias vividas por conta do clima é o sofrimento de quem mora na Vila Estrutural. Como a maioria das casas são de madeira velha e sem a menor proteção, não faltam goteiras para lembrar aos moradores que a água não foi feita apenas para matar sede.

No dia-a-dia da vila que ainda não possui rede de esgoto, asfalto e outras benfeitorias, a comunidade padece. Nas enxurradas, acumuladas nas ruas por causa do lixo e da falta de escoamento, os moradores tentam caminhar normalmente. Eles parecem se acostumar com o bar-

ro, que suja a calça do pedreiro, da vendedora, da doméstica e de todos os trabalhadores que precisam continuar a vida, mesmo que o caminho não esteja apropriado.

Quando o vento não carrega o guarda-chuva, é a sacola plástica, colocada para proteger o calçado, que rasga e suja também as meias. Os adultos tentam proteger as crianças. Os pequenos são os que menos se importam com as dificuldades. Ana Karolina Araújo de Jesus, de 11 anos, sabe bem quais as medidas a serem tomadas em caso de chuva forte. "Vou para a escola com chinelo de dedo. Como tem muita sujeira, chego na escola e lavo os pés", explica a menina, que estuda no Guará.

Às vezes, o clima se torna apenas mais um motivo de preocupação para quem já precisa lutar para sobreviver. A catadora de lixo Maria Lúcia Jesus, de 34 anos, fatura menos na época de chuva devido à dificuldade em separar os resíduos sólidos. Mãe de sete filhos, Maria se mudou para a Estrutural há três anos e, mesmo com os problemas, diz que é feliz. "Tenho os filhos ao meu lado. Isso é o que importa", afirma

a mulher. Ela veio para Brasília depois de deixar Niquelândia (GO), onde morava com os pais, irmãos e sobrinhos. "Mataram meu irmão e toda minha família veio para cá", conta. As recordações que sobraram da cidade onde ela cresceu são apenas lembranças do passado. "A vida era bem mais sofrida. Eu passava o dia trabalhando na roça", lembra. Por causa da infância pobre, que a acompanhou pela maioridade, Maria não pôde estudar para ser enfermeira, como queria. "Não sei nem mesmo escrever meu nome", revela.

A esperança da catadora de lixo é que o filho mais velho, Wesley Francisco dos Santos, de 16 anos, consiga realizar seus sonhos. "Quero ser advogado. Vou comprar uma casa de verdade, de alvenaria, para minha mãe", almeja o garoto, que ajuda a família a catar lixo no depósito da Estrutural e a cuidar dos irmãos. No entanto, para conseguir colocar seus planos em prática, Wesley precisa voltar a estudar. "Ele está parado há dois anos", lamenta a mãe, ao garantir que no próximo ano o garoto, que sempre tirou boas notas, voltará para a escola.



FOTOS: GERDAN WESLEY

Enxurrada espalha sujeira e causa transtornos a moradores